Apoio ao **empreendedorismo**

Programas auxiliam negócios inovadores e alinhados com a sustentabilidade GISELE NEULS

Seis inovadoras empresas brasileiras foram apresentadas em junho a um fórum de investidores na BM&FBovespa, em São Paulo. O evento é o ápice do programa New Ventures, iniciativa do World Resources Institute (WRI), que apoia negócios sustentáveis em países emergentes. Durante três meses, elas passaram por um processo que Marcelo Torres, diretor do programa no Brasil, chama de aceleração. Um intensivo de cursos, tutoriais, reuniões e simulações desenhados para que os empreendedores afinem suas estratégias e planos de negócios e sintam-se preparados para sentar-se à mesa com investidores.

O objetivo é fortalecer negócios de empresas inovadoras preocupadas não apenas com o lucro, mas também com resultados sociais e ambientais positivos. Criado em 1999, o programa já envolveu 346 empresas do Brasil, China, Colômbia, Índia, Indonésia e México (*mais em new-ventures.org*). Juntas, receberam mais de US$ 225 milhões em investimentos. Aqui, o programa tem 49 empresas em seu portfólio e coleciona histórias de sucesso, como a Dry Wash.

Lito Rodrigues tocava a Dry Wash há dez anos, quando se inscreveu para a primeira edição do New Ventures Brasil, em 2004. Preocupado com o alto consumo de água em seu lava a jato, desenvolveu uma tecnologia de lavagem de carros a seco. Quando entrou no programa, sua empresa já tinha a tecnologia consolidada, práticas de valorização dos funcionários e uma rede de franquias. Mas carecia de uma ferramenta básica: o plano de negócios. Além de elaborar seu plano, Rodrigues enxugou a rede franqueada, melhorou a padronização do serviço e conseguiu investimentos para diversificar seus produtos. Recentemente, a tecnologia chamou a atenção de um investidor americano. O contato, facilitado pelo New Ventures, resultou em duas lojas franqueadas na Índia.



O caso ilustra bem a história de muitos negócios nascentes, de micros a médias empresas. O empreendedor brasileiro, em geral, é criativo do ponto de vista da inovação, mas, segundo Torres, tem dificuldades em definir o modelo de negócio. "Esse tem que responder questões importantes como posicionamento no mercado. É larga escala ou nicho? O produto é customizado ou atende ao público em geral?" Sem estratégias bem definidas, o empresário faz investimentos equivocados e não consegue deslanchar.

Também falta fôlego para o empreendedor pensar no futuro de seus negócios. Roberto Murat, sócio-diretor de uma das seis empresas apresentadas no evento da BM&FBovespa, diz que a participação no programa o ajudou a dedicar tempo para isso. Ele é sócio-diretor da Bio Ventures Brasil, que desenvolve combustíveis, solventes e outros químicos à base de pinhão-manso. A empresa dominou a tecnologia de bioquerosene para aviação e vem testando o combustível em parceria com a TAM. "Às vezes, você se envolve muito nas questões do dia a dia e não tem tempo para definir estratégias e buscar o investidor adequado", conta.

Um dos focos do New Ventures é ajudar o empreendedor a falar uma linguagem que faça sentido ao investidor, peça fundamental para garantir a sobrevivência de negócios altamente inovadores como o de Murat, cujo bioquerosene ainda deve levar dois anos para chegar ao mercado.

Mas não são só os empreendedores que precisam aprender a falar a linguagem dos investidores. Acostumados com negócios convencionais, muitas vezes o investidor não percebe a lógica sustentável desses empreendedores. "Estamos falando em empresas cujos resultados socioambientais nem sempre são reconhecidos pela lógica de retorno financeiro a curto prazo", aponta Paulo Durval Branco, coordenador do programa Inovação na Criação de Valor (ICV), do GVces.

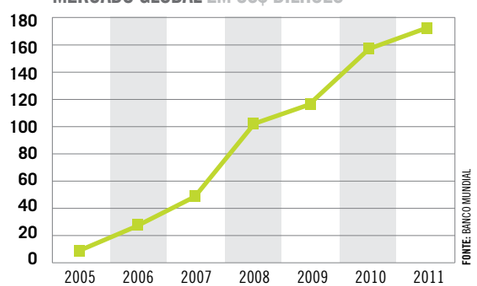
Para Branco, o Brasil possui um ambiente desfavorável à inovação. "Há pouco investimento na formação de empreendedores, nossa indústria de capital de risco é embrionária e é difícil registrar patentes." Por isso, programas como o ICV e o New Ventures prestam relevante contribuição à educação para o empreendedorismo. (*leia mais sobre as dificuldades para obter patente no Brasil na reportagem "Fora do Clube", edição 54*)

Um dos objetivos do ICV é melhorar a inserção de pequenas e médias empresas (PME) nas cadeias de valor de grandes companhias. Até agosto, o ICV selecionará nove PME que possuam inovações em sustentabilidade e estejam inseridas na cadeia de valor de grandes empresas. Três casos selecionados pelo programa já estão disponíveis em fgv.br/ces/inova. Contudo, em vez de focar nos investidores, o programa trabalha para que as grandes empresas incluam paradigmas de sustentabilidade na gestão de suas cadeias de suprimentos, abrindo mais espaço aos fornecedores que atendam a esses critérios.

Negócios com **carbono crescem**, apesar da crise JOSÉ ALBERTO GONÇALVES PEREIRA

Apesar da turbulência econômica, das sobras de licenças de emissão na Europa por causa da recessão e dos preços declinantes do CO_2, os negócios no mercado de carbono cresceram 11% em 2011, para a cifra recorde de US$ 176 bilhões, na comparação com 2010. O montante transacionado refere-se à redução das emissões de 10,3 bilhões de toneladas de CO_2 equivalente, segundo o relatório *State and Trends of the Carbon Market 2012*, divulgado no final de maio pelo Banco Mundial. Acesse a publicação em bit.ly/LIB35N.

MERCADO GLOBAL EM US$ BILHÕES



FONTE: BANCO MUNDIAL

ENTREVISTA **ARILD ANGELSEN**

REDD AINDA NÃO ATRAI RECURSOS PRIVADOS

A falta de um acordo global com cortes ambiciosos nas emissões de carbono minou investimentos privados em projetos de Redd, visto cinco anos atrás como um dos mais promissores mecanismos do futuro regime climático. Até o momento, tem vindo de fontes públicas o grosso do dinheiro que financia projetos do mecanismo de Redução das Emissões do Desmatamento e da Degradação, incluindo a conservação dos estoques de carbono das florestas (Redd+). Ainda considerada uma ideia de sucesso, o Redd+, porém, enfrenta inúmeros desafios para deslanchar como instrumento efetivo de combate às mudanças climáticas. Alguns desses desafios são comentados na entrevista a seguir, concedida por **Arild Angelsen** logo após o evento paralelo realizado no dia 18 de junho pelo Centro Internacional de Pesquisa Florestal (Cifor) durante a Rio+20, no Riocentro. No evento, foi lançada a publicação *Analysing Redd+: challenges and choices*, editada por Angelsen, que é professor da Universidade das Ciências da Vida da Noruega e associado sênior do Cifor. O livro pode ser acessado em bit.ly/Mq9mN7. **JOSÉ ALBERTO GONÇALVES PEREIRA**

Qual será o lugar do Redd nas políticas climáticas na falta de um acordo global ambicioso para reduzir emissões de carbono?
A maioria dos países apoiava a ideia de usar o Redd como mecanismo de compensação das emissões dos países desenvolvidos em 2007 e 2008. De lá para cá, como ainda não alcançamos um acordo global de redução das emissões, não obtivemos nenhum recurso importante para o Redd com o mercado de carbono. Talvez isso ocorra a partir de 2020, mas é irrealístico contar com grandes somas de dinheiro do mercado até lá. Portanto, o setor público precisa alocar mais recursos para os projetos de Redd, e é isso o que está acontecendo.

Sem o mercado tão presente, como tem sido o fluxo de recursos para financiar o mecanismo?
O fato de que não se podem usar os mecanismos de mercado significa que menos dinheiro tem sido mobilizado. Se houvesse o mecanismo de mercado, seria necessário um padrão mais uniforme para (*os créditos gerados pelo Redd*). Hoje, o Redd está relacionado à redução de emissões e da pobreza, proteção da biodiversidade e fortalecimento dos direitos indígenas. O Redd está sendo financiado principalmente por programas de ajuda ao desenvolvimento, o que o torna mais diversificado, para o bem e para o mal.

O Redd, então, ganhou um escopo mais amplo?
Redd não é uma receita para uma política específica. Trata-se de um guarda-chuva para tudo que se faz para diminuir emissões do desmatamento e da degradação florestal e conservar estoques de carbono, que é o Redd+. Em um sentido amplo do termo, o Redd compreende ações que visam reduzir as emissões.

Movimentos sociais e parte dos ambientalistas veem no Redd um instrumento de apropriação da floresta pelo capital. Como o senhor lida com tal questionamento?
Como economista, não temo tanto o mercado, porque o vejo como um instrumento. Se é bom ou não, isso depende de como o regulamos. Pode-se ter mercado para coisas boas, tais como o mercado de alimentos. Gera segurança possuir um mercado de alimentos funcionando bem, podendo salvar milhões de vidas. Contudo, se você tem mercado para armas nucleares, pode matar milhões.

Ambientalistas temem que o Redd inunde o mercado de carbono de créditos baratos, dispensando os países ricos de resolverem o problema dos combustíveis fósseis.
Usar o mecanismo de compensação das emissões (*offsetting*) é o meio para mobilizar a maior parte do financiamento para o Redd. Se não se faz isso, não se pode pensar realisticamente em grandes aportes financeiros para ele. Mesmo se não se está pronto ainda para lançar o Redd como um mecanismo de *offsetting*, ele pode ser incluído nos esquemas para cumprimento de metas de redução das emissões dos países desenvolvidos. Nesse caso, o Redd seria incluído, mas os cortes totais nas emissões precisariam ser mais ambiciosos.